

Clube de Paris sente alívio

Paris — Os representantes dos 13 países membros do Clube de Paris se mostravam ontem tão aliviados quanto à delegação chefiada por Francisco Gros com o bom termo das negociações da dívida externa de 21 bilhões de dólares do Brasil com entidades oficiais dos países ricos. Os 13 chegaram a se congratular, “porque o país mais endividado do Terceiro Mundo restabelece relações financeiras normais com seis credores”.

O alívio tinha as duas razões de ser. Afinal, foram três dias de intensas conversações, noite a dentro, até perto das duas horas da madrugada, sem direito a uma esticadinha; as negociações começaram invariavelmente no meio da manhã, depois de menos cinco horas de sono. O alívio também decorria do fato das partes terem cedido o suficiente para ambas saírem ganhando. No final o Brasil teve 11 bilhões de dólares reescalados para 14 anos.

Os credores exultaram foi com este detalhe: o Brasil, no fechamento do acordo, se comprometeu a pagar 4,1 bilhões de dólares em 20 meses, até dezembro de 1993. Algo que a equipe do ministro Marcílio Marques Moreira não queria, regateou, pechinhou, mas acabou tendo de aceitar. Tudo por acreditar que o acordo com o Clube de Paris movimentará, na direção do Brasil, naquele período, algo em torno de 40 bilhões de dólares entre capitais de risco e especulativo, inclusive de pessoas físicas e jurídicas brasileiras.

O comunicado final tem uma afirmação sugestiva: “Os países participantes foram sensíveis ao esforço de reordenamento realizado pelo Governo do Brasil”. Também está escrito no documento a “satisfação” dos governos dos países ricos com o fato de o Brasil ter chegado a um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), entidade fiscalizadora dos interesses financeiros internacionais. Detalhe importante: a reunião foi presidida pelo próprio presidente do Clube, Jean-Claude Trichet, diretor do Tesouro francês.